



Universidade de Brasília – UnB
Decanato de Ensino de Graduação
Universidade Aberta do Brasil - UAB
Instituto de Artes - IDA
Departamento de Música
Curso de Licenciatura em Música à Distância

**RELAÇÃO ENTRE O REPERTÓRIO DAS AULAS DE MÚSICA E
AS PREFERÊNCIAS DOS ALUNOS SOB A ÓTICA DO
PROFESSOR.**

Carlos Alberto Ribeiro

Anápolis
2015

CARLOS ALBERTO RIBEIRO

TÍTULO DO TRABALHO:

**Relação entre o repertório das aulas de música e as preferências dos alunos sob a
ótica do professor.**

Projeto de Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado como requisito parcial
para avaliação na Licenciatura em música
da Universidade de Brasília.

Tutor: Prof. Dr. Hugo Leonardo Ribeiro

Anápolis

2015

CARLOS ALBERTO RIBEIRO

TÍTULO DO TRABALHO:

**Relação entre o repertório das aulas de música e as preferências dos alunos sob a
ótica do professor.**

Projeto de Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado como requisito parcial
para avaliação na Licenciatura em música
da Universidade de Brasília.

Brasília-DF, 27 de Novembro de 2015.

Professor Mestre Alexei Alves de Queiroz
Membro Avaliador da Banca

Professora Mestre Uliana Dias Campos Ferlim
Membro Avaliador da Banca

Professor Doutor Hugo Leonardo Ribeiro
Orientador(a)

Dedicatória

A meus Tios, Aureslinda Ribeiro (Tia Nenê) e Boanerges, pelos exemplos de amor e dedicação.

A minhas filhas Hanna e Sarah pela compreensão, alegria de viver e motivação e por acreditarem em mim.

A minha esposa Cida Berchior pela cumplicidade, generosidade e confiança depositadas e o apoio nos momentos mais difíceis.

AGRADECIMENTOS

- A Deus em primeiro lugar.
- A minha esposa Cida e minhas filhas Hanna e Sarah, por terem sido os propulsores de minha motivação principalmente nos momentos mais difíceis, e a meus tios (pais) Boanerges e Nenê que me ensinaram os valores da luta da persistência, da honestidade e acreditarem em mim.
- As escolas que me cederam espaço para a realização de meus estágios através de seus diretores e coordenadores bem como aos professores e enfim, toda a equipe, que tornou possível a execução de meus planos.
- Aos colegas de curso pela cumplicidade.
- Aos tutores presenciais; Regina Galante e Eduardo Barbaresco pelo apoio e pelas horas que dispuseram de seu tempo para nos ajudar com nossas dúvidas.
- A coordenação do Polo de Anápolis, Marli que sempre esteve presente nessa trajetória e aos auxiliares sem os quais não poderíamos enviar nossas gravações e realizar nossas webs conferencias bem como nossas apresentações de recital, Seu Jorge e Eduardo Veronezi.
- Aos tutores a distancia pela disseminação de saberes nos proporcionando um aprendizado significativo e vital para que possamos seguir adiante em nossa trajetória como educadores musicais.
- Aos professores orientadores pela paciência conosco e pelas várias vezes que nos ouviram mesmo em horas extracurriculares nos ajudando a enfrentar nossas dificuldades e acalentando nossos medos.
- E a todos os que direta ou indiretamente contribuíram para que fosse possível essa realização.

Relação entre o repertório das aulas de música e as preferências dos alunos sob a ótica de um professor licenciado.

Resumo

Esta pesquisa procura conhecer a relação entre o repertório das aulas de música e as preferências dos alunos sob a ótica do professor. O problema desta pesquisa é saber se e de que maneira as preferências musicais dos alunos influencia professores formados em música e que ministram aulas em escolas do ensino regular. A metodologia utilizada foi um estudo de caso com um professor licenciado em música que atua nos anos finais do Ensino Fundamental da rede de ensino da rede pública da cidade de Anápolis. Discutiu-se a formação do professor e sua atuação em sala de aula, focado em uma perspectiva contemporânea, observando os meios didáticos utilizados pelo mesmo, se contemplam ou não essas preferências de acordo com que os alunos trazem na sua bagagem, ou seja, de que modo o conhecimento musical dos alunos por mais superficial que seja, pode ser aproveitado nas aulas de música partindo tanto da experiência do professor enquanto licenciado como dos alunos e seus modos de entender a música e assim, quando e se essas preferências podem ser disponibilizadas em seus planos de aula. Os principais teóricos que auxiliaram essa reflexão foram Swanwick (1993, 2003), Jussamara Souza (2000), além das pesquisas relacionadas ao uso das mídias e cultura midiática em sala de aula (SILVA, 2014; SOUZA, 2000c) e pesquisas anteriores sobre as preferências musicais de alunos do ensino fundamental (SANTOS, 2007; SILVA; CARVALHO; AREND, 2008; TOURINHO, 1996; ZAPONI, 2012). Concluiu-se que o uso das músicas que fazem parte do cotidiano dos alunos pode servir de aliadas para que o educador conheça a ótica dos mesmos em relação ao seu entendimento sobre como veem a arte e de como sua própria perspectiva como professor formado podem se juntar para que sejam apresentados aos estudantes outros horizontes, ou seja, o professor precisa adentrar no universo musical de preferências do aluno e tentar entender como eles aprendem, o que eles já sabem, o que eles pensam sobre a aula de música, para a partir daí conseguir esse alcance através de atividades pedagógicas relacionadas a essas internalizações. Não contemplar essa vivência do estudante, na maior parte das vezes, cria uma antipatia com as aulas de música e repertório utilizado, que depois podem virar entraves para o próprio desenvolvimento dessa área de estudo.

Palavras chave: Preferências musicais; música e cotidiano; aulas de música; escolha de repertório.

INTRODUÇÃO¹

Esta pesquisa procura conhecer a relação entre o repertório das aulas de música e as preferências dos alunos sob a ótica do professor. O problema desta pesquisa é saber de que maneira as preferências musicais dos alunos podem ser utilizadas por professores formados em música para serem utilizadas no contexto do ensino de música nas escolas do ensino regular.

Esse estudo surgiu a partir de inquietações que surgiram em minha vivência docente durante o estágio supervisionado, quando tive que refletir sobre as escolhas de músicas que estivessem de acordo com a faixa etária da turma em que foi realizado o estágio. Para elaboração das aulas no projeto de estágio foi preciso pensar em um repertório que contemplasse uma aula que envolvesse apreciação e execução.

Desde minha primeira experiência na disciplina Prática de Ensino e Aprendizagem em Música 1 (PEAM1), quando fui à primeira vez a campo realizar uma aula de música em uma escola do ensino regular, percebi que entre as observações que fazíamos sempre questionávamos os alunos que tipo de música eles gostavam. Então nós, estagiários em música, ao chegarmos ao local, sempre procurávamos conhecer a turma na qual iríamos ministrar a aula, avaliando seus gostos musicais. A partir dessa informação, passávamos para uma perspectiva de compreensão dessas escolhas, para obter uma organização do plano de aula a ser confeccionado de acordo com as faixas etárias solicitadas. Percebi que, se o professor, durante o planejamento de aula, pensasse em um repertório musical que contemplasse pelo ao menos algumas músicas que estivessem dentro dos padrões preferenciais dos alunos de acordo com a sua faixa etária, haveria uma maior motivação dos mesmos e uma simpatia imediata pelo professor, por que, de alguma maneira, ele estaria falando a linguagem musical deles. Em algumas ocasiões, ouvi relatos de colegas que, ao chegar à sala de aula com repertórios selecionados por eles e alheios ao universo dos alunos, a recepção foi um pouco tensa. Lembro-me de, em uma das vezes, ouvir alguém dizer: “Quando entrei na sala e comecei a tocar Chico Buarque às crianças, quase me bateram!”. Não acredito que tal reação se deu por que Chico Buarque era ruim para eles, ou por ser uma música fora de

¹ Na introdução o aluno deve apresentar tema, problema, questões de pesquisa, objetivo (geral e específicos), justificativa. Também é possível aqui tratar da metodologia do trabalho.

seus padrões auditivos de costume, mas pela expectativa que eles tinham de que a aula de música se propusesse a dar a eles algo que já estivesse dentro de suas perspectivas.

Ao longo do curso, através dos vários Estágios realizados, pude perceber que, quando os alunos trabalhavam com músicas de seu conhecimento ou preferências, a motivação era sem dúvida muito maior, pois a linguagem em evidência fazia parte do seu âmbito vivencial. Por outro lado, quando proposta ou exposta alguma atividade ou informação distante de suas delineações, os mesmos se tornavam alheios e deixavam de atentar para os propósitos, se tornando dispersos.

Uma situação interessante aconteceu em uma de minhas aulas de estágio, e a partir dela passei a refletir sobre a importância da escolha do repertório a ser utilizado em sala de aula. Em determinada aula, ao ensinar uma música do Caetano Veloso para a sala cantar, mantendo sua característica original em ritmo de bossa nova, a aceitação não foi muito motivadora. Mas, ao executar essa mesma música em ritmo de reggae, a participação foi maior e mais ativa. A escolha pelo reggae se deveu a ser este um dos estilos musicais mais próximos ao repertório cotidiano desses alunos. Essa experiência foi o ponto de partida para meu interesse em pesquisar sobre a escolha de repertório para aulas de música sob a ótica do professor.

Dessa forma, o objetivo principal foi refletir sobre como os processos de escolha de repertório na aula de música da ed. básica, podem refletir na organização de um plano de aula de acordo com a perspectiva do professor entrevistado. Entre os objetivos específicos, estão: verificar se o professor de música busca conhecer as preferências musicais dos alunos; analisar de que forma o professor de música busca conhecer as preferências musicais dos alunos; compreender como as preferências musicais dos alunos são incorporadas ao planejamento e ao repertório das aulas; analisar de que maneira o professor organiza e seleciona o repertório para as aulas de música;

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O processo da escolha de uma música de conhecimento dos alunos e que permeia suas preferências para ser trabalhada em sala de aula é importante de forma que possa contribuir para a área da educação musical, no sentido de se compreender como os alunos entendem a arte dentro de suas realidades culturais, quais são os meios de

audição que eles utilizam, quais são suas perspectivas em relação ao ensino de música na escola aproximando assim, professor e aluno, pois, como disse Souza (*apud* SANTOS, 2007, p. 16), “não há como propor uma pedagogia musical adequada sem compreender as realidades socioculturais dos alunos.”

Há, também, pesquisas que relatam uma “dicotomia entre a música da sala de aula e a música fora da sala de aula”, visto que isso possui um impacto direto em sua motivação para aprender, e como esse repertório trabalhado em sala de aula pode contribuir para uma aprendizagem mais significativa.

Entende-se a necessidade de pensar no conhecimento erudito, historicamente acumulado, como um direito de acesso às camadas populares, que têm na escola a única possibilidade de elevação do patamar cultural. No entanto, ignorar e mesmo desconsiderar a cultura que nos circunda, via emissão midiática, em especial a música, é manter uma postura elitista, fechada, que considera tudo o que tem “cheiro de povo” como inculto, vulgar, de mau gosto. (Subtil, 2007, pg.80).

Um dos temas mais presentes quando falamos sobre preferências musicais e cotidiano de jovens é a influência da mídia. Dois dos principais autores que teorizaram sobre esse assunto (CULTURA DE MASSA) foram; Adorno e Horkheimer, que cunharam o termo indústria cultural “ao se referirem ao rádio, revistas, cinema e televisão, e o caráter massivo e mercantil confere a seus produtos um ar de semelhança.” (SANTOS, 2007, p. 16).

Para Adorno,

com a acessibilidade dos produtos “de luxo” em série e com seu complemento, a confusão universal, tem início uma transformação no caráter de mercadoria da própria arte. Esse caráter nada tem de novo: só o fato de se reconhecer expressamente, e o de que a arte renegue a própria autonomia, enfileirando-se com orgulho entre os bens de consumo, tem o fascínio da novidade. (ADORNO, 2002, p. 35)

Em uma pesquisa sobre as preferências musicais da rede municipal de ensino de Curitiba, PR, Cleonice dos Santos levanta a hipótese de que,

as significações e a formação de preferências musicais não se limitam apenas ao caráter determinista da indústria cultural, apesar de serem dela decorrentes.[...] (SANTOS, 2007, p. 16)

A partir desse ponto de vista, a autora acredita que,

(...) Nessa perspectiva a música ouvida pelos alunos no seu cotidiano extraescolar não pode e nem deve ser abstraída do conteúdo trabalhado na e pela escola, pelo fato de que ela pertence ao universo cultural dos alunos. O gosto deles pela música popular deve ter o direito de adentrar as salas de aula, pois é parte de sua experiência concreta e de suas motivações reais. (SANTOS, 2007, p. 16-17)

Maria José Subtil também defende essa articulação entre as músicas da mídia e a sala de aula, “através de um trabalho consciente, fundamentado, que enfoque o conhecimento musical em suas diferentes dimensões. Esta é a função da escola: estabelecer pontes, preencher lacunas, construir significados entre os objetos culturais midiáticos e o saber elaborado” (SUBTIL, 2007, p. 81).

Nesse sentido, Keith Swanwick, ao pensar o processo musical como metáfora afirma,

O processo metafórico permite-nos ver as coisas diferentemente, para pensar novas coisas. Na metáfora, dois (ou possivelmente mais) domínios apresentam uma intersecção, frequentemente de repente, e muitas vezes com consequências originais. (SWANWICK, 2003, p. 23).

Mais à frente o autor explica que,

no entrosamento musical, o processo metafórico funciona em três níveis cumulativos. São eles: quando escutamos “notas” como se fossem “melodias”, soando como formas expressivas; quando escutamos essas formas expressivas assumirem novas relações, como se tivessem “vida própria”; e quando essas novas formas parecem fundir-se com nossas experiências prévias, ou, para usar a frase de Suzane Langer, quando a música “informa a vida do sentimento”. (SWANWICK, 2003, p. 28)

Partimos do pressuposto que, num processo inicial de se estabelecer e estreitar laços entre professor e estudantes, é importante reconhecer quais músicas “informam a

vida do sentimento” nesses alunos, e utilizá-las como pontes para conectar novas concepções a respeito do valor que a arte carrega... Essas são as experiências prévias que vão se fundir com as novas formas expressivas. Daí a importância em se ter consciência sobre as particularidades do processo de ensino e aprendizagem musical, com o intuito de despertar nos alunos o interesse em participar da aula e da autonomia na escolha e produção de significados, pois, nesse processo,

“entender a produção do gosto musical e sua expressão, supõe considerar as formas e objetos de consumo postos pelo amplo universo midiático, e que são colhidos pelas crianças tanto no contexto doméstico quanto no escolar”, (SUBTIL, 2003, p. 50).

METODOLOGIA

O objetivo principal tem como foco a escolha de repertório das aulas sob a ótica de um professor licenciado em música e que atua nos anos finais do Ensino Fundamental da rede pública da cidade de Anápolis.

Portanto, esta investigação será baseada numa abordagem qualitativa, que pode ser definida como “um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação” (OLIVEIRA, 2008, p. 37). De acordo com a autora, em uma abordagem qualitativa, delimita-se espaço e tempo, período lugar e data. “A análise descritiva é recomendável desde a definição do objeto de estudo, passando pela delimitação do lugar, tempo, revisão de literatura e coleta de dados” (OLIVEIRA, 2008, p. 39).

Nesta pesquisa, a técnica de coleta de dados a ser utilizada será uma entrevista semiestruturada realizada com esse professor. A escolha da entrevista semiestruturada, ao invés de outras formas mais tradicionais de coleta de dados, tais como o *survey* (ou questionários), se deu pelo fato da maior liberdade que o entrevistador tem para fazer outras perguntas e fugir do roteiro de assuntos ou perguntas pré-organizados, de forma a precisar conceitos ou obter mais informação sobre os temas desejados (SAMPIERI et al, 2013, p. 426). Dessa forma, o investigador pode criar uma situação mais informal, deixando a pessoa entrevistada com maior liberdade de se expressar espontaneamente, podendo contribuir e enriquecer a investigação.

Já a escolha pelo o estudo de caso foi baseada na compreensão de que grande parte das escolhas dentro de uma sala de aula são pessoais e intimamente relacionadas com as experiências individuais de cada professor. É, portanto, uma ferramenta utilizada para entendermos a forma e os motivos que levaram uma pessoa a determinada decisão (YIN, 2001). No nosso caso, a escolha de determinado repertório musical, relacionado ou não com o cotidiano dos alunos.

A TRAJETÓRIA DO PROFESSOR

FORMAÇÃO MUSICAL

O professor Eduardo teve sua iniciação musical aos 7 anos de idade em uma escola de música de ensino tradicional com um professor formado em piano pela Universidade Federal de Brasília. Nessa escola fazia aula tanto de instrumentos quanto de teoria musical. Aos 11 anos teve sua iniciação de fato ao teclado, começou a tocar órgão eletrônico na igreja e depois já na faculdade começou uma formação mais tradicional fazendo piano com repertórios entre o barroco e o clássico, e também educação musical. Nesse entremeio começou a aprender violão. Passou por vários ambientes desde igrejas até cenários de música mais popular, sertanejo, MPB, música em barzinho, e música de casamento, onde atualmente ainda trabalha, assim como a corepetição para coral, desde corais mais populares, até corais que trabalham repertórios religiosos. Sua atuação passa, portanto, tanto pela música de concerto como pela música mais popular.

Trabalhou em escola de música formal aqui da cidade de Anápolis durante uns quatro anos com aulas de piano de instrumento e de percepção da história da música, mas, atualmente atua como professor do estado de Goiás em uma instituição de ensino militar, embora também já tenha lecionado em outras escolas mais periféricas da cidade em outras mais centrais da rede estadual, e também teve algumas experiências com aulas de música em uma escola particular também aqui da cidade onde trabalhou algumas oficinas práticas de ritmo, de solfejo e de percussão corporal.

Segundo seu relato, nunca estudou música na escola regular, salvo por algumas aulas de teoria e história da música durante o 3º Ano do Ensino Médio, voltadas para o

Programa de Avaliação Seriada (2PAS), uma das formas de se ingressar na Universidade de Brasília (UNB). As aulas que o professor teve nesse período tinham por metodologia o ensino tradicional, embora já somado a alguns procedimentos alternativos de práticas que não habituais.

Mesmo com uma trajetória de aprendizado musical tradicional o professor acredita que as metodologias alternativas que compuseram a dinâmica de ensino dentro desse Programa o levaram a pensar de uma maneira diferente em relação às maneiras com as quais a música pode ser executada. Ou seja, apesar da notação e a técnica serem muito importantes em uma aula de música, as práticas que envolvem itens do cotidiano como materiais sonoros alternativos podem abrir um leque de possibilidades ainda maiores no que se refere à ampliação do universo musical e a sua facilidade de acesso a todos os envolvidos.

Eu me lembro de ter estudado uma coisa que eu gostava muito, que era coral. E nessas aulas a gente cantava músicas de um repertório variado, desde coisas mais tradicionais a coisas mais populares, e até mesmo música erudita. Eu me lembro de que eu cantei uma música de um compositor goiano chamado Estércio [Marques Cunha]. A gente fez uma música dele em que eu ficava tocando pedrinhas. Então, era uma sonoridade bem diferente e aquilo já abria espaço pra eu pensar por um conceito de música já diferenciado (Eduardo).

Embora o professor tenha tido ao longo da vida musical várias experiências com diversos tipos de repertórios, abrangendo seu campo de probabilidades de escutas, através de elementos mais técnicos e teóricos como é feito na escola tradicional, pelo que pude perceber, seu percurso fez o caminho inverso ao do aluno que vai aprender música principalmente na escola do ensino regular:

Acredito ser esta uma maneira tão eficiente quanto à maneira mais conservadora, onde primeiro o aluno aprende através de métodos como os propostos por educadores musicais como Dalcroze, Suzuki, Kodály, Edgar Willems, Carl Orff entre tantos outros, que se baseiam em escutas simples e métodos alternativos que não exigem conhecimento de notação ou técnicas mecânicas; abrindo caminho para à partir daí entender a teoria da prática, até mesmo pelo fato de que o aluno já possui uma liberdade de expor o que já lhe é claro dentro de suas internalizações, de suas maneiras de entender o universo musical dando ao professor um norte onde ele pode alcançar o aluno dentro de suas preferências e limitações.

Cabe repensar a prática musical escolar, sistematizando, historicizando e propondo diferentes audições dos objetos musicais, e dos próprios meios em si como construções humanas, em dadas condições históricas, econômicas e sociais, portanto passíveis de serem mudadas, transformadas. (Subtil, 2007,pg.81).

CONCEPÇÕES SOBRE A AULA DE MÚSICA

Em um de seus relatos, o professor entrevistado afirma utilizar-se dessas preferências como auxiliar em suas práticas metodológicas, mas não fica restrito unicamente ao repertório do cotidiano dos alunos.

Olha! Eu nas minhas aulas respeito o gosto dos alunos sim, a gente faz atividades de rearranjo de várias músicas atuais de ritmos, mas eu acredito que a função do professor é maior do que somente contemplar o gosto do aluno e sim oferecer ao aluno possibilidades de escolha. Então, muitas vezes nessas escolas periféricas, o aluno nunca ouviu uma música de um compositor clássico como Bethoven. Às vezes não sabe nem o que é isso, e aí ele não gosta por nunca ter ouvido, por não ter acesso, e por uma dimensão meio social do tipo - Ahhh essa música é música de velho, é só velho que escuta. Mas, a pessoa fala que não gosta, mas ela escutou aquilo. Então acredito que a função do professor, independente da escola ser particular ou da periferia, é de mostrar ao aluno possibilidades. Então eu trabalho as preferências dos alunos, mas tem momentos em que eu parto para outros caminhos. Eu coloco mesmo o aluno para escutar música clássica, tipo Mozart, Chopin, Ópera, por que é importante ele conhecer a cultura ocidental, é importante ele conhecer os processos ao longo do tempo que fizeram a música chegar até aqui, inclusive a música brasileira. Muitas vezes o aluno acredita que as músicas atuais com a temática do amor, daquele amor sofrido, meio dor de cotovelo, é coisa de agora, que nunca existiu em outras épocas. Então a gente vai ver que lá nas modinhas isso era a temática também recorrente no século XIX. A questão do chorinho que foi pro samba, depois pro axé, que é uma música mais das mídias atuais. Esses processos híbridos, essa transição que trouxe a mistura de soul e jazz para o funk americano nas figuras de James Brown, entre outros, e foi se transformando nos dando essa condição de possuímos hoje o tão apreciado funk carioca. Enfim. Mas eu coloco repertórios variados para eles ouvirem como clássicos. É claro que às vezes, ou na maioria delas, eles não são tão receptivos a este tipo de música. (Eduardo)

Sua abordagem se aproxima da proposta por Zaponi (2012, p. 103) ao defender que “o educador precisa usar as músicas do cotidiano como meio para a ampliação do

universo musical e cultural de seus alunos, não como objetivo de prática pedagógica.” Tal visão também foi defendida pela pesquisadora Irene Tourinho (*apud* ZAPONI, 2012, p. 103), para quem os professores de música são responsáveis por ampliar as possibilidades de escolha dos alunos – seja como futuros músicos ou como ouvintes informados; e tem relação direta com a abordagem do “professor de música como caixa postal”, uma das três bases lógicas rivais que Swanwick identificou na atuação de professores de música em sala de aula (SWANWICK, 1993). Por sua vez, Souza (2000b, p. 40), acredita que “ao tentar se aproximar do 'mundo vivido' o interesse da aula de música não está nas atividades padronizadas, mas, sim, nas experiências musicais que os alunos realizam diariamente fora da escola”.

ESTRATÉGIAS DE ESCOLHA DE REPERTÓRIO E SUAS IMPLICAÇÕES.

Se pretende levar em consideração as mídias que fazem parte do cotidiano atual, o professor precisa aprender a se relacionar com esse universo musical, adentrar em suas internalizações, para que possa compreender os alunos dentro de suas concepções de como eles veem a música, o que eles pensam sobre estudar a arte na escola e qual é o resultado que eles esperam obter com esse aprendizado, já que a única prática musical da maioria se dá através de audições.

Eduardo também relata as experiências positivas que obteve ao trazer músicas que não fazem parte do cotidiano dos alunos:

Essa semana a gente estava estudando o período clássico, a arte desse período do século XVIII. Então a gente estudou as artes visuais, os artistas importantes da época, e eu coloquei um pouco de ópera para eles ouvirem. Coloquei Mozart. Agora a gente está estudando o romantismo e eu coloquei uma ópera romântica. E a ópera romântica é bem passional bem dramática, e por incrível que pareça, eu vi gente chorando na sala quando eu coloquei algumas árias. Eu me surpreendi de um modo até diferente porque eu achei que eles iam ter uma total aversão, mas, foi o contrário. “Noossa! professor que coisa maravilhosa! Esse cara canta muito, nunca tinha visto uma coisa dessas, que expressividade, que drama é esse? Eu queria muito ver um negócio desses ao vivo. Como que é? Você já foi?” (Eduardo)

De acordo com o professor entrevistado, algumas músicas atuais possuem uma forma muito simples, em grande parte com ritmos e frases repetitivas, estimulando aos ouvintes uma maior facilidade na compreensão de sua estrutura, e acabam por auxiliar o professor na elaboração de práticas que contemplem, através desses elementos, tanto as vivências musicais dos alunos, como o estudo dos elementos que norteiam os parâmetros do som. Ao mesmo tempo, pode ser um propulsor de estímulo para a apresentação de novos horizontes, embora o mesmo acredite que as músicas da mídia atual em sua maioria não dão nenhuma base de construção crítica como integrante da sociedade podendo até comprometer a educação musical dependendo da letra que a música carrega.

[...] me lembro de que teve uma aula em que pedi aos alunos que levassem uma música que eles gostavam de ouvir, então eu pude perceber muito da música sertaneja e muito também da música da mídia que estão fazendo sucesso. Então é a música que está em evidência que o aluno traz. Eu até achei engraçado que uma aluna entre 11 e 12 anos trouxe uma música em estilo funk que está muito difundida, que é uma música que faz uma paródia da música da branca de neve, e nela tinha uma frase que era senta, senta, senta, e a menina cantava aquilo numa alegria, numa empolgação, mas sem uma consciência total de todo o aparato sensual e erotizado que a música carregava. Então, eu acho meio perigoso trabalhar em cima de músicas que possuam letras de duplo sentido até mesmo porque se pedir ao aluno para trazer uma dimensão crítica da música ele não vai saber como fazê-lo a gente percebe que ele se coloca nesse lugar de objeto e quer demonstrar o corpo a sensualidade e acha isso bonito. Eu possuo uma postura mais conservadora nesse sentido eu acho que o professor deve voltar aos bons costumes e mostrar um caminho de uma educação mais moral. Eu respeito à preferência, mas, por exemplo, na atividade que foi proposta em relação a essa música que essa menina trouxe foi fazer uma paródia, foi fazer uma atividade de improviso corporal, então eu pego esse ritmo do funk e falo: “Então pessoal, o funk tem uma parte rítmica muito interessante que mexe com o corpo com a corporalidade que trabalha o pulso”. Isso é muito importante a gente faz a atividade rítmica dentro da pulsação contida no gênero, mas também deixo claro esse lado sensual que a música traz e que isso não tem uma visão tão positiva nos nossos dias, pra esse mundo sensualizado ao extremo né? Tanto é que na escola em que eu trabalhava era comum ver meninas de 14 anos grávidas (Eduardo).

Em outro momento, o professor volta a esse assunto, ao questionar o conteúdo das letras das músicas.

[...] as letras de algumas músicas atuais são muito explícitas, dificultando um trabalho sério em uma aula de música no ensino público. Os alunos já veem a matéria com subjetividade. Se houver uma aceitação geral, uma liberação dessas escolhas para o aluno decidir o que quer que seja o material a ser estudado ficaria muito sem perspectiva de uma metodologia a ser aplicada, embora o ritmo em si possua uma série de possibilidades, mas sem as letras de caráter desrespeitoso. Agora, já existe por outro lado um ponto positivo, porque as músicas são muito corporais. É muito ritmo e acabam se tornando fáceis de trabalhar em metodologias que fazem jus a este aliado. (Eduardo)

Percebe-se que nos comentários do professor, a letra dessas músicas é o principal problema para seu uso em sala de aula. Ao mesmo tempo, o professor, por diversas vezes, enfatiza somente o lado rítmico das músicas, sem levar em consideração outras questões como a harmonia, a prosódia, ou mesmo a própria afinação dos cantores. São reflexões interessantes que podemos fazer, de forma a mostrar que existem diferenças culturais entre as pessoas, e que devemos nos esforçar em aceitar suas opiniões e pontos de vista, mais do que impor os nossos.

Por fim, Eduardo enfatiza que procura trabalhar sempre a pluralidade de estilos musicais, partindo de músicas com sonoridades próximas às que os estudantes gostam, até mesmo porque eles sempre solicitam essa abordagem:

Acontece muito quando eu coloco músicas de meus planos, músicas mais clássicas, e alguns alunos perguntam: “Ahhh professor, quando nós vamos trabalhar com alguma música dos nossos dias? Quando que nós vamos escutar um Rap?” E aí, às vezes encontro temas clássicos com arranjos de outros ritmos. Então, por exemplo, a gente está trabalhando clássico agora, nas aulas de educação cultural. Então eu mostro um arranjo, depois eu mostro o mesmo tema com um arranjo de rock, de Hip Hop. Enfim, outras roupagens dentro do mesmo tema. E isso aproxima mais o aluno da realidade que ele vive. Então novamente eu acredito que as preferências devem ser contempladas, porém devem ser contextualizadas. Se o aluno gosta de rock então vamos colocar para ele escutar vários tipos de rock, misturas de rock com outros estilos. (Eduardo)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É muito delicado e complexo tratar de preferências musicais principalmente no âmbito da escolar regular, pois, por um lado, temos a música já internalizada pelos ouvintes que em sua grande maioria são produtos da indústria cultural, com frases

repetitivas e de fácil assimilação, ritmos dentro dos mesmos padrões como algumas músicas de enfoque nas mídias atuais. Por outro lado, entra o papel do professor, que busca incitar um pensamento crítico musical em seus aprendizes, mas que, em alguns casos, veem os alunos como analfabetos musicais, o que acaba gerando certo juízo de valores.

Segundo alguns pesquisadores como (ARROYO, 2000; SWANWICK, 2003; QUEIROZ, 2004; QUEIROZ; MARINHO, 2009), é importante levar em consideração o passado cultural/musical dos alunos na elaboração do planejamento escolar, pois esse conhecimento prévio dos alunos possui uma relevância considerável na aproximação entre o gosto dos alunos e o escolhido pelo professor. Essa tendência busca propostas de repertórios que podem ser utilizados como propulsor de um maior interesse e ao mesmo tempo contribua para o crescimento cultural dos alunos.

O uso da música intermediado pelas mídias na idade juvenil, trabalhada sob a perspectiva orientada para a ação e apresenta um largo espectro de possibilidades de utilização, uma vez que mídias e sua música podem ser um campo diferenciado para a apropriação musical. (SOUZA; TORRES, 2009, p. 58).

Um exemplo desse uso da música do cotidiano do aluno é o Hip Hop que traz para a sala de aula uma discussão mais ampla sobre a realidade de alguns alunos em escolas públicas e particulares.

O hip hop tem sua filosofia, com valores construídos pela condição das experiências vividas nas periferias de muitas cidades. Colocando-se como um contraponto à miséria, às drogas, ao crime e a violência, o hip hop busca interpretar a realidade social (SOUZA et al., 2008, p. 13).

As músicas atuais, principalmente as que estão em evidência através da chamada indústria cultural, possuem uma característica comum aos seus ouvintes pelo fato de a maioria destes se reconhecerem em suas estéticas, mesmo sem conhecerem nenhum item técnico musical, mas se identificam pela letra ou por algum tipo de parâmetro sonoro que o individualiza como determinado padrão rítmico, uma frase marcante do solo, ou arranjo que acaba por assumir o papel de fazer a composição ser reconhecida de maneira distinta entre outras. Isso acaba por possuir um papel de aliado do professor pelo fato de o aluno já reconhecer algumas estruturas que fazem parte do arranjo que

identifica determinada música. A atuação do professor precisa ser crítica e saber “aprofundar essas considerações enfatizando as contradições inerentes à Indústria Cultural enquanto indutora do que vemos, ouvimos, gostamos ou deixamos de ver, ouvir e gostar e os limites dessas formulações no que diz respeito especialmente à música na escola.” (SILVA; CARVALHO; AREND, 2008, p. 4841). Adorno percebeu isso de forma muito clara:

Se perguntarmos a alguém se “gosta” de uma música de sucesso lançada no mercado, não conseguiremos furtar-nos a suspeita de que o gostar e o não gostar já não corresponde ao estado real, ainda que a pessoa interrogada se exprima em termos de gostar e não gostar. Ao invés do valor da própria coisa, o critério de julgamento é o fato de a canção de sucesso ser conhecida de todos; gostar de um disco de sucesso é quase exatamente o mesmo que reconhecê-lo. (ADORNO *apud* SILVA; CARVALHO; AREND, 2008, p. 4842).

É mister que o intuito da aula de música no ensino fundamental não é o de formar profissionais da música, mas devido a música possuir uma relação direta com a vida das pessoas, envolvendo-as de maneira externa e interna. Então, seria interessante que houvesse uma aproximação entre professor e aluno através das preferências que constituem seu cotidiano, seus modos de vida sociais e culturais. A música aproxima grupos distintos. O educador pode utilizar as preferências dos alunos evidentes nas culturas midiáticas dentro de um saber elaborado, ou seja, por mais simples que seja a composição, ela possui parâmetros sonoros que podem ser evidenciados pelo professor, apresentando ao aluno os itens que compõem a estética musical em qualquer que seja o caso. A música pode ser composta por apenas um tom, ou uma única célula rítmica, mas mesmo assim o professor pode utilizá-la para explicitar os itens que permeiam os parâmetros do som.

Sem dúvida, os alunos, desde muito cedo, passam a ter familiaridade com a música popular, e esta não é uma força insignificante na formação da visão que o adolescente tem de si mesmo e de suas relações com diversas formas de pedagogia e de aprendizagem [...] (SANTOS, 2007, p. 24)

Acredito que as músicas que fazem parte do cotidiano da nossa realidade atual principalmente dentro dos contextos escolares de ensino regular onde predominam as músicas de consumo bombardeadas pelos veículos de comunicação, podem servir de

aliadas para que o educador alcance o aluno dentro de sua perspectiva e o apresente outros horizontes e quem sabe até possa reunir adeptos do desejo de se transformarem em músicos mesmo que apenas para satisfação do ego. Ao professor de música que atuará principalmente dentro das escolas públicas atuais não basta *aprender a ensinar*, precisa também estar aptos a *ensinar a aprender*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADORNO, Theodor W. *Indústria cultural e sociedade*. Seleção de textos Jorge Mattos Brito de Almeida, traduzido por Juba Elisabeth Levy... [et al.]. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

OLIVEIRA, Maria Marly de. *Como fazer pesquisa qualitativa*. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.p 37 e 39.

SANTOS, Cleonice dos. Preferências musicais de alunos de 5a a 8a série da rede municipal de ensino de Curitiba: “significados da escuta”. Dissertação (Mestrado em Educação)–Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

SILVA, Helena Lopes da. Declarando preferências musicais no espaço escolar: reflexões acerca da construção da identidade de gênero na aula de música. *Revista da ABEM*, Londrina: Associação Brasileira de Educação Musical, n. 11, mar/ago, 2004.

Disponível em:

http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista11/revista11_artigo9.pdf.

Acesso em: 30 jan. 2014.

SILVA, Valmir da; CARVALHO, Elvio de; AREND, Carline S. O suplantar da cultura musical midiática no contexto escolar: possibilidades de redenção no processo formativo do professor. VIII Congresso Nacional de Educação (EDUCERE) e III Congresso Ibero-Americano Sobre Violências nas Escolas (CIAVE). *Anais*. Curitiba, 2008.

SILVA, Valmir. *O Profissional da Educação e a Cultura Midiática Musical no Contexto Escolar: Desafios Permanentes*. Partes. Publicado em 04 Jul 2007. Disponível em: <<<http://www.partes.com.br/educacao/culturamusicaleeducacao.asp>>>. Acessado em 26 Out 2015.

SOUZA, Jusamara (org.). *Música, cotidiano e educação*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da UFRGS, 2000a.

SOUZA, Jusamara; TORRES, Maria Cecília de Araújo. Maneiras de ouvir música: uma questão para a educação musical com jovens. *Música na educação básica*. Porto Alegre, v. 1, n. 1, outubro de 2009.

SOUZA, Jusamara. A experiência musical cotidiana e a pedagogia. In: Souza, Jusamara. (Org.) *Música, cotidiano e educação*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da UFRGS, p.33-43, 2000b.

SOUZA, Jusamara. Cotidiano e mídia: Desafios para uma educação musical contemporânea. In: Souza, Jusamara. (Org.) *Música, cotidiano e educação*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da UFRGS, p.45-57, 2000c.

SUBTIL, Maria José Dozza. Mídias, músicas e escola: a articulação necessária. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 16, 75-82, mar. 2007.

SWANWICK, Keith. *Ensinando Música Musicalmente*. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho, São Paulo: Moderna, 2003.

SWANWICK, Keith. Permanecendo fiel à música na educação musical. Em: *Anais do II Encontro Anual da ABEM*. Porto Alegre, 1993. pp.19-32.

TOURINHO, Irene. Música e Ensino Básico: Considerações a partir de um estudo sobre preferências e hábitos musicais de alunos da 3ª e 4ª séries. In: *Música: Pesquisa e Conhecimento*. Porto Alegre: NEA, p. 99-112, 1996.

YIN, Roberto K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2ª Ed. Porto Alegre. Editora: Bookmam. 2001.

ZAPONI, C. N. . Educação musical e cotidiano: uma proposta para a ampliação do universo musical. In: Fórum de Práticas de Ensino de Música, 2012, Maringá. *Anais do Fórum de Práticas de Ensino de Música*, 2012.

APÊNDICE A – Carta de cessão

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS, IMAGENS E ÁUDIO

Eu, Edinardo Bonaventura Filho,
RG 4154744 SSP-GO declaro para os
devidos fins que cedo os direitos sobre minha entrevista realizada em
____/____/____ para o pesquisador
Carlos Alberto Ribeiro, RG
4818759, matrícula
110044550, estudante do curso de Licenciatura em Música a
Distância da Universidade de Brasília (UnB). Essa entrevista é parte da coleta
de dados da pesquisa intitulada
Relação entre o repertório das aulas de música e as prefe-
rências dos alunos sobre a atuação do professor
cujo objetivo geral é

Cedo os direitos da participação nesse trabalho, sendo essa de caráter voluntário e não remunerado. Estou ciente de que os dados poderão ser utilizados integralmente ou em partes, sem condições restritivas de prazos ou citações, a partir dessa data, para divulgação dos resultados da pesquisa em publicações e/ou eventos acadêmicos e científicos. Essas informações ficarão sobre o controle e a cargo do pesquisador e professor orientador

Fui informado também que essa entrevista foi gravada em áudio e/ou vídeo e que o material foi registrado com fins científicos. Esses dados serão posteriormente transcritos e analisados, sendo que o vídeo e/ou áudio não será utilizado na divulgação dos resultados da pesquisa ou em nenhuma outra situação.

Em relação ao uso de citações, autorizo explicitar minha identidade de acordo com uma das opções escolhidas por mim entre as abaixo indicadas (assinaladas com X), desde que sejam seguidos os princípios éticos da pesquisa acadêmico-científica.

- ☒ Identidade utilizando meu nome e sobrenome
☐ Identidade utilizando apenas meu primeiro nome

Identidade preservada utilizando nome fictício escolhido por mim
Outra indicada por mim

Em caso de qualquer outro esclarecimento, estou ciente que o pesquisador fica a disposição, podendo ser contatado pelo email kazualribesio@gmail.com, telefone (62) 9500-4987 ou através do contato com a professora supervisora da disciplina, Profa. Cassiana Zamith Vilela pelo email (cassianazamith@gmail.com).

Sem mais, informo ter ficado com uma cópia desse documento.

Eduardo Barbareza Filho

Assinatura do Participante da Pesquisa

APÊNDICE B – Questões de pesquisa

Roteiro utilizado na entrevista semiestruturada

- Como foi seu ingresso na vida musical?
- Como você começou a aprender a tocar, o que te motivou a se ingressar nesse universo?
- Você estudou música no ensino regular?
- Estudou música em uma escola de música?
- Atualmente você dá aulas de música em quais contextos?
- Você dá aulas de música em escola do ensino regular, em escola de música formal ou em ambas?
- Nessas turmas em que você lecionou existe alguma diferença entre o ensino da escola regular?
- Entre o ensino regular e a escola militar você vê diferença entre preferências musicais?
- Você acha que a escola do ensino regular te dá uma liberdade maior na questão da inserção das atividades ou da escolha de repertórios do que a escola mais conservadora?
- Depois de terem contatos com alguns desses gêneros existem alunos que acabam gostando? Do tipo nunca ouviu e dizia que não gostava, mas, quando ouviu passou a gostar?
- Qual a intenção dessa aproximação musical com o repertório dos alunos?
- Você busca conhecer as preferências musicais dos alunos?
- De que forma?
- De que maneira as preferências musicais dos alunos são incorporadas ao planejamento e ao repertório das aulas?
- Como você organiza e seleciona o repertório para as aulas de música?
- A partir de sua experiência, como os alunos se relacionam com o repertório da aula?
- E com o repertório escolhido por ele?